

DIPLOMACIA CIBERNÉTICA

GORDON SMITH

De todas as revoluções que aconteceram no século XX, nenhuma teve um impacto tão duradouro em todo o curso da história humana quanto a atual revolução na tecnologia da informação e das comunicações.

Enquanto os eventos políticos na antiga União Soviética, no Sul da África, no Oriente Médio, na América Latina e no Extremo Oriente indubitavelmente proporcionarão um futuro melhor para bilhões dos habitantes do mundo, as mais recentes inovações em micro-chips, fibras óticas, a Internet e inúmeras outras aplicações da informática e da cibernética terão um impacto tão grande, ou equivalente, em cada indivíduo deste planeta e, talvez, além.

Estão desaparecendo rapidamente as fronteiras que outrora dividiram os seres humanos em áreas geográficas, políticas, sociais, econômicas e culturais.

As novas tecnologias não respeitam a soberania das fronteiras. Um computador doméstico pode se tornar um passaporte (ou um “passe-partout”) para o mundo.

O número de partes diretamente envolvidas na diplomacia internacional está em rápida expansão da mesma forma que questões funcionalmente complexas como o comércio, ou a pesca, ou os direitos humanos, e atraem um novo bloco de participantes públicos ou privados.

Entretanto a diplomacia, outrora restrita a um grupo funcional de peritos, agora tornou-se o domínio de um grupo aberto e bem informado situado fora das tradicionais organizações de relações exteriores, alcançando outros departamentos e outros níveis de governo, além de representantes do setor privado, do meio acadêmico e outros setores não-governamentais.

Assim como o número de atores tem crescido no cenário internacional, também tem crescido o número de questões e eventos dependentes de diplomacia. Questões antigamente consideradas domésticas, e quase sacrossantas, como as quotas de produtos primários, os serviços hospitalares ou os benefícios aos desempregados, atualmente foram acrescentadas à agenda internacional.

A proliferação das questões e dos atores tem, é claro, ampliado o já agigantado volume de informações que devem ser tratadas, analisadas e respondidas, 24 horas por dia, 7 dias por semana.

As demandas de um mundo interconectado pela informática, com relação às formas de diplomacia já estabelecidas, associadas às exigências públicas com relação a mais transparência e responsabilidade, não têm precedente.

Poderá a diplomacia sobreviver neste universo? E, se puder, como ficará, como será aplicada, e como se relacionará com as novas tecnologias?

Enquanto não pretendo me tornar um profeta ou um vidente, e com base no

meu entendimento da história, eu acredito que os diplomatas continuarão a existir de uma maneira ou de outra, mesmo com o rápido desenvolvimento da tecnologia.

Acima de tudo, nossa “ocupação” sempre foi a informação e as comunicações.

Desde a corrida de Pheidippides de Maratona até Atenas; desde a cavalgada de Paul Revere pelos campos de Massachusetts, e, até à instalação da “linha vermelha” de Washington até Moscou durante a Guerra Fria dos anos 1960s, a diplomacia tem continuado a adaptar-se aos mais atuais desenvolvimentos da tecnologia. As mensagens devem continuar a transitar — quaisquer que sejam os meios.

O desafio da diplomacia cibernética será o de operar com alta eficiência em um mundo que está ficando menor, em um ritmo cada vez mais rápido.

A velocidade tornou-se a variável mais importante no novo “mundo cibernético”.

Houve tempo em que podíamos confiar na remessa da “mala diplomática” em um “barco vagaroso” para a China. Em um mundo que gira à “velocidade CNN”, as respostas devem ser quase instantâneas. As demoras podem significar perdas de vidas, perdas de oportunidades de negócios, perda de vantagem política, ou perda de boa vontade internacional.

Enquanto a estrutura temporal se contrai dramaticamente, evidencia-se a necessidade de cuidadosas análise e seleção de uma quantidade sempre crescente de informações, combinadas com julgamentos profissionais e opiniões que são essenciais aos planejamentos estratégicos e táticos voltados para o cenário internacional. A “caixa de ferramentas” diplomática tradicional — habilidade para negociar, diplomacia pública, desenvolvimento e outras formas de apoio, inclusive assistência militar — todas essas ferramentas permanecem. Mas, elas devem ser recalibradas para um mundo diferente.

Antes que eu me instale neste bravo mundo novo da diplomacia cibernética, permitam-me traçar em breves linhas como se apresentam as Relações Exteriores e o Comércio Internacional hoje em dia.

Atualmente, contamos com uma equipe de aproximadamente 8.000 servidores, muitos dos quais estacionados na nossa sede em Ottawa, mas com um número significativo distribuído em 150 locais no exterior.

O nosso trabalho pode ser distribuído em três agrupamentos maiores:

- Primeiro, a condução da política externa, para solucionar problemas entre nações quando não existem obrigações formais ou regras de conduta em vigor. Nossas iniciativas nos maiores “pontos quentes” como a antiga Jugoslávia e o Haiti podem ser encaixados nessa categoria.

- Segundo, a administração do envolvimento do Canadá em questões internacionais onde um conjunto de claras regras já está estabelecido. Nossas iniciativas no Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), na Organização Mundial do Comércio (WTO) e no Acordo para a Qualidade d’água dos Grandes Lagos, são bons exemplos desse tipo de trabalho.

- Terceiro, e indubitavelmente a parte do nosso trabalho que emprega mão-de-obra com mais intensidade, a execução dos programas de governo no

estrangeiro, desde os serviços consulares (como emissão de passaportes e localização de canadenses perdidos no exterior) ao desenvolvimento do comércio, e a promoção da cultura canadense, até ao apoio à prestação de serviços a numerosos outros departamentos do governo, incluindo o da imigração, da indústria, da agricultura, da receita e defesa, e matérias legais e de segurança.

Todos os três grupos de trabalhos necessitam de modernos e eficientes sistemas e serviços de apoio gerencial.

Já aludi às “malas diplomáticas”. Sim, nós ainda as usamos! Mas também empregamos um sistema de telecomunicações integrado (MITNET), de alcance mundial, e altamente sofisticado, que proporciona acesso direto a telefones de sete dígitos em nossas missões localizadas em todo o mundo. Tal sistema é invejado por serviços de outros países do G-7.

Também temos a capacidade de rapidamente instalar conexões em situações de emergência ou em reuniões de cúpula diplomática (como as do G-7), e estamos explorando o sistema MITNET para ampliar nossa capacidade para prestar serviços “fora de horas” em áreas remotas. Atualmente, em mais de 50 missões, chamadas “fora de horas” para serviço consular já são diretamente conectadas a partir de Ottawa.

Isto ajuda, por exemplo, quando canadenses em Ruanda necessitam garantir a seus familiares no Canadá que estão seguros e em paz.

Noventa e sete por cento dos nossos trabalhadores em conhecimento localizados ao redor do mundo estão conectados por uma flexível plataforma de tecnologia avançada chamada SIGNET, a qual, com exceção das restrições das larguras das faixas de transmissão, tem capacidade de realizar, virtualmente, qualquer aplicação ou processo de negócios que possa necessitar.

O serviço mais simples, com o maior impacto, tem sido a instalação de E-mail, mesa-a-mesa, em todo o mundo, com ligações a outras dependências do governo e à rede pública.

Além disso, tem sido desenvolvidas numerosas aplicações especiais em apoio a programas específicos. Um deles é o altamente bem sucedido sistema de gerenciamento consular chamado COSMOS que ajuda as equipes departamentais no exterior a prestar serviços consulares a canadenses fora do país. Um outro é o WIN Exports, que supre a 1.200 especialistas em comércio com informações sobre exportadores canadenses e seus produtos, para responder a 100.000 pedidos de informações sobre exportações recebidos a cada ano, vindos de importadores.

Foram desenvolvidos “websites” departamentais e para missões, com o objetivo de disseminar informações para além do Departamento, onde informações para o público, tais como assessoria de viagens, são requisitadas.

No sentido de melhorar o acesso a fontes externas de informação, iniciamos o processo de proporcionar acesso à Internet para equipamento “desktop” usados por nossos funcionários.

Com o objetivo de assistir aos funcionários e aos visitantes, foi desenvolvida uma “page” de pesquisa na Internet, a qual organiza os “sites” da Internet por assuntos e pelos tópicos correntemente mais consultados, por exemplo, onde obter informações precisas com respeito às disputas de pesca do salmão ou, até mesmo,

com relação ao terrorismo.

Como a maioria dos usuários de tecnologia, nossa verdadeira vantagem operacional e avanço competitivo derivam do entendimento dos nossos funcionários bem como da melhor utilização dos equipamentos disponíveis.

Como Rick Kohler, nosso Diretor Geral de Gerenciamento de Informação e Tecnologia, delineou na sua apresentação feita neste Fórum, o nosso objetivo é desenvolver o que nós chamamos um departamento “esperto” baseado em informações sobre assuntos estrangeiros e comércio. Em um mundo de recursos declinantes, “esperto” significa proporcionar “no lugar e no tempo certos” informações políticas, econômicas e culturais no sentido de alcançar nossos objetivos críticos na política externa, utilizando os recursos disponíveis.

Em tal mundo, pode-se esperar maiores mudanças na estrutura e no funcionamento da diplomacia como a conhecemos hoje.

Primeiro, a organização do trabalho será cada vez menos influenciada pela localização física de uma questão, e se tornará cada vez mais centrada em comunidades de interesses, sejam relacionados ao comércio, à cultura, ou a qualquer outro interesse.

Tencionamos fazer muito mais uso de “equipes de trabalho virtual” focalizando tópicos singulares. Estas equipes poderiam, por exemplo, incluir servidores DFAIT, representantes de outros departamentos do governo como a Indústria do Canadá, e membros de associações ou outros participantes da “equipe Canadá”.

As tecnologias atualmente conhecidas e as atualmente emergentes como o processamento colaborativo, a Internet, a Intranet e a vídeo-conferência formarão a “equipe virtual”, não importa em que parte do planeta, ela funcionará como se compartilhasse o mesmo escritório. Na preparação da Reunião de Cúpula Econômica Ásia-Pacífico, em 1997, em Vancouver e nas próximas missões comerciais da “Equipe Canadá”, realizaremos experiências com as tecnologias colaborativas como uma primeira etapa na direção desejada.

Como é óbvio, haverá poupanças, tais como os custos das viagens. O uso de equipes virtuais oferece uma importante oportunidade para fazer o melhor uso das habilidades e das experiências das pessoas no departamento. Por exemplo, uma comissária comercial em Los Angeles, poderia liderar uma equipe para uma questão que envolvesse a OECD sem ter que deixar o seu posto.

Pelo mesmo valor, as funções da rotina administrativa — como o gerenciamento da propriedade, ou pagamento, ou benefícios — poderia ser gerenciada por especialistas que se encontrassem na sede da organização, reduzindo a carga de trabalho e as despesas com as missões no estrangeiro.

Um dos maiores desafios, é claro, será de construir um regime de segurança com apropriadas salvaguardas em todos os nossos sistemas, não somente para proteger a confidencialidade nacional como também, e da mesma forma, a confidencialidade dos negócios.

O segundo impacto significativo na conduta da diplomacia será a caminhada na direção de um serviço externo “mais informado e mais informante”. Quando a CNN já tem nos enviado imagens, antes que mandemos nossa “informação”, e todos estão em perigo de afogar-se no mar de informação de relevância e qualidade

variadas, selecionar, filtrar e analisar as informações disponíveis proporcionadas pelas fontes em atuação, tornou-se o papel principal do diplomata. E estas são coisas que nós temos e que a CNN não tem.

Isto necessitará uma mudança daquilo que nós chamamos arquitetura do “empurrão” para a arquitetura do “puxão”: pela conexão dos nossos servidores a uma rede de fontes de informação em expansão, mas também proporcionando-lhes as ferramentas e a assistência técnica para examinar, selecionar, e avaliar fontes e realizar análises de forma que possamos oferecer a melhor informação como assessoramento a todos nossos clientes desde nossos ministros, aos homens de negócios canadenses e até os cidadãos comuns.

Ao mesmo tempo, necessitamos melhorar a eficiência e a efetividade dos nossos fluxos internos de informação. Hoje, quando alguém realiza uma análise, por exemplo, das relações entre governo da Nigéria e a indústria do petróleo, está disponível para referência numa pasta intitulada “como garantir” para futuro interesse.

Necessitamos explorar a tecnologia para compartilhar a informação e a especialização com mais eficiência — mais dinamismo — “bem na hora” — com a construção de “laços interativos” no âmbito do nosso Departamento, de formas que possamos identificar quem sabe o que, quem necessita tal informação, como ela pode ser apresentada da maneira mais eficiente, e como pode ser disseminada até alcançar o cliente final.

Idealisticamente, isto significa um simples equipamento “desk top”, ligado a todos os contatos e fontes de informação — internas e externas. Também deverá ter a capacidade dual para ser “aberta” para interagir com o mundo externo, mas segura o suficiente para guardar informações classificadas ou protegidas.

Um grande desastre, como a queda recente do Vôo 800 da TWA, dá um exemplo da necessidade de rápido acesso a numerosas fontes de informação enquanto, simultaneamente, são protegidas informações de natureza pessoal ou de segurança.

Como o domínio dos assuntos estrangeiros continuam a se expandir, evidencia-se a necessidade de proporcionar a todo o segmento do público interessado em pesquisas, informações generalizadas e de propósito geral.

Já existe grande quantidade de “websites” e “bulletin boards” relacionados a assuntos estrangeiros, como exemplo apontamos, de outros países o excelente “Virtual Embassy of Finland”, e o Instituto Norte-Americano para a Paz, ou vários “websites” e “bulletin boards” do nosso país.

Este aspecto da diplomacia cibernética tenderá a expandir-se uma vez que o número de usuários está em expansão.

Isto dinamizará o terceiro aspecto da evolução no sentido da diplomacia cibernética — a expansão da comunicação em duas vias — entre o nosso Departamento e seus clientes no país e no estrangeiro, tornada possível pelas comunicações eletrônicas, particularmente pela Internet.

Certos programas já oferecem modelos como o nosso Centro de Oportunidades de Negócios, que estão utilizando os PCs normais como uma poderosa ferramenta para a transmissão de valiosas informações sobre condições econômicas

e oportunidades de negócios. Atualmente, por exemplo, uma destilaria caribenha pode comunicar-se com um centro local e rapidamente obter informações a respeito de canadenses fabricantes de garrafas especiais de vidro. Por que a destilaria do futuro não pode obter a mesma informação via Internet?

Estas crescentes conexões com nossos clientes ampliará nossa capacidade para “moldar o consenso” com respeito a questões específicas quando estivermos lidando com as ONGs ou outros grupos de interesse no país ou no estrangeiro. Como as grandes organizações — governamentais ou privadas — identificaram os seus respectivos custos, muitos destes estão bem adiante de nós na capacidade para alcançar partes remotas do mundo e divulgar suas opiniões e, assim, influenciar a opinião pública com relação a eventos ou questões particulares.

Um quarto elemento da evolução na direção da diplomacia cibernética está na crescente exigência de que nossos funcionários e nossas equipes sejam mais móveis, mais ágeis, tendo em vista que o nosso trabalho realmente é feito “em movimento”, ou seja, em aeroplanos, em quartos de hotéis, em salas de conferências, em “micro” reuniões, em todas as horas e em todas as partes do mundo.

Quando for possível (e quando os recursos permitirem) tencionamos proporcionar facilidades como computadores “notebooks”, seguro acesso remoto a informações, telefones celulares e, até, pastas com ligação a satélites.

Recentemente, quando nossa Embaixada em Zagreb foi aberta, o nosso representante alugou um quarto de hotel, conectou seu “laptop” e simplesmente começou a trabalhar.

Isto, com certeza, mudará a missão do nosso sistema de apoio. De maneira ideal, o nosso objetivo será o de proporcionar o mesmo nível de serviços e acesso a informações em qualquer parte do mundo, com a mesma garantia de integridade do sistema, confiabilidade, segurança e acessibilidade financeira.

Como na maioria dos negócios, nós não temos tempo ou recursos para aplicar experimentalmente em cada nova tecnologia. Necessitamos de uma tecnologia que se mostre funcional, segura, confiável e dentro dos nossos limites financeiros, para nos ajudar a aperfeiçoar as nossas atividades básicas.

O Canadá sempre foi um participante ativo no mundo da diplomacia internacional.

Na medida em que entramos numa nova era tecnológica da história humana, a nossa transição para a diplomacia cibernética já não é uma questão de “por que”, mas de “quando” e “como”.

O nosso Governo Federal, os nossos Ministros e os nossos Departamentos já deram os primeiros passos para nos lançarem no excitante novo mundo da tecnologia.

Ainda não temos todas as respostas — de fato, em muitas áreas, ainda estamos formulando as perguntas.

Mas, estou convencido que estamos caminhando na direção certa.

A diplomacia sempre lidou com a resolução de questões de poder entre nações e entre indivíduos.

Atualmente, temos a oportunidade de domar uma nova forma de poder — o mundo cibernético.

Administrada apropriadamente, esta nova forma de poder terá capacidade para oferecer um lugar para a oportunidade, para a inclusão e para o maior entendimento, todos voltados para o benefício de toda a humanidade.

Aguardamos com ansiedade a oportunidade de usar nossa capacitação e possibilidade de inovação para encontrar a melhor maneira de agir neste novo meio ambiente

RESUMO

Diplomacia Cibernética Gordon Smith

Dentre todas as revoluções que ocorreram no século XX, nenhuma teve um impacto mais duradouro na história da humanidade do que a atual revolução nos meios de informação e na tecnologia da comunicação.

Estão desaparecendo rapidamente as fronteiras que já serviram para separar os povos em aglomerados geográficos, políticos, sociais, econômicos e culturais. As novas tecnologias não respeitam a soberania das fronteiras nacionais. Um computador pessoal tornou-se um passaporte (ou um “passe-partout”) para todo o mundo.

Em semelhante ambiente, a diplomacia sobreviverá? Em caso positivo, como ficará, como será gerenciada, e qual será o seu relacionamento com as novas tecnologias? Antes de tudo, a atividade básica dos diplomatas sempre tem sido a informação e as comunicações. O desafio da diplomacia na era cibernética será o de operar na sua maior eficiência em um mundo que está ficando menor, num ritmo cada vez mais rápido.

ABSTRACT

Cyber-Diplomacy Gordon Smith

Of all the revolutions that have taken place during the Twentieth Century, there is none that will have a more lasting impact on the course of human history than the current revolution in information and communications technology.

Borders that once existed to separate humans into geographic, political, social, economic and cultural entities are fast disappearing. The new technologies respect no sovereign boundaries. A home computer become a passport (or a “passe-partout”) to the world.

In such a universe, will diplomacy survive? And if so, what will it look like, how will it be managed, and what will be its relationship to the new technologies? After all, the diplomatic “business” has always been information and communications. The challenge of cyber-diplomacy will be to operate at peak efficiency in

a world that is growing smaller, and at a pace that is growing faster.

O AUTOR

GORDON SCOTT SMITH é Doutor em Ciência Política pelo Massachusetts Institute of Technology. Iniciou sua carreira no “Defense Research Board”; atuou junto à OTAN, (em Bruxelas); desenvolveu gerenciamento e planejamento dos negócios exteriores, como Subsecretário; foi Vice-Ministro para Assuntos Políticos (Relações Exteriores); Embaixador e Representante Permanente, em Bruxelas; Secretário do Gabinete para Relações Federais-Provinceais; Embaixador e Chefe de Missão (Bruxelas); e, atualmente é Vice-Ministro de Relações Exteriores do Canadá.